

Carlos Roberto C. dos Santos

De filósofo se tem um pouco¹

*“PASSA UMA BORBOLETA pôr diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.”²*

Com a voracidade dum “buraco negro”, a filosofia tem mantido sob o seu domínio uma parte das abordagens de diversas doutrinas (política, literatura, sociologia, antropologia, etc.).³ A mais recente aquisição para orbitar o núcleo filosófico é a psicanálise. Um nutriente com proporções adequadas à manutenção do organismo filosófico pôr um longo período de tempo, pois carrega consigo uma área muito rica em atrativos, ou seja, o psiquismo e a categoria de saúde mental, tal como são qualificados através das terminologias psicológica e psiquiátrica.

São duas as maneiras como a filosofia procura capturar a psicanálise, fazendo-a siderar em torno de seu eixo, até emitir os raios derivados da completa absorção. A inicial é colocando-se como sustentação da doutrina sobre o psicanalítico, para em seguida ser

¹ Artigo apresentado na Sexta jornada de estudos do Traço Freudiano Veredas Lacanianas (30 e 31 de agosto de 2002).

² Fernando Pessoa, “Ficções do Interlúdio/1 Poemas completos de Alberto Caieiro”

considerada um fundamento da psicanálise. Havendo uma resposta satisfatória para esta captura nos termos duma sideração, vem o golpe fatal. Este é quando a filosofia descreve a prática do analista obedecendo aos rigores desempenhados pelo filósofo ao filosofar. Daí, como o funcionamento do buraco negro, a estrela-psicanálise vai emitir seus raios **X** espremeando diante duma força grandiosa e depois sumir do trajeto histórico que envolve a relação entre o espaço e o tempo no percurso que lhe seria próprio.

A comparação entre o fenômeno astrofísico e a proximidade da psicanálise com a área de ação da filosofia, é adequada mas não totalmente. No caso deste fenômeno, se considera o fato das estrelas só permanecerem intactas ao estarem dele distantes. A psicanálise não precisa ficar longe da filosofia para sobreviver. A filosofia não engolirá a psicanálise somente porque tem milênios de existência e esta pouco mais de cem anos. Diferentemente do fenômeno citado, é preciso que a psicanálise queira, através dos acordos intelectuais dos analistas, para se tornar um bem comestível para a filosofia.

Tais acordos envolvem certas discussões dos analistas, principalmente ao quererem ficar afastados dos condutos nocionais relacionados ao contato do orgânico com o psíquico. Alguns viram ser menos doloroso se entregar aos filósofos do que aos médicos. Uma entrega favorecida pela herança do que Freud afirmou no trabalho: “Questão da análise leiga” (1926)⁴

Ao observar que a psicanálise é uma doutrina nova, enquanto a filosofia é incomparavelmente mais velha, os analistas procuram um apoio em alguma das muitas formulações filosóficas. Assim, é cabível haver um progressivo sumiço daquela ao se aproximar inadvertidamente do diapasão filosófico. Aí está a questão necessária para o mote: “De filósofo se tem um pouco”⁵. Ao funcionar num ritmo filosófico, a psicanálise vai entrar no raio de ação dum buraco negro como a filosofia. Entretanto, no caso de haver uma recusa de assumir esta situação, a estrela-psicanálise pode se aproximar do buraco negro filosófico e não ser transformada em raios **X** e depois desaparecer.

No que é apenas especulação para a física, para o contato do psicanalítico com o filosófico é algo bem viável. A psicanálise tem que funcionar conforme uma relação

³ O “buraco negro” é uma manifestação decorrente da explosão e compressão dum astro. Ele assume uma densidade tão alta (registrada como raio de Schwarzschild) que no seu interior apresenta uma fissura na relação espaço/tempo, levando ao funcionamento de nada deixar escapar, inclusive a luz.

⁴ Neste artigo Freud elabora um argumento voltado para retirar a psicanálise da influência exercida pela medicina.

⁵ É uma expressão acompanhando o sentido de uma outra bem conhecida: “De médico e louco se tem um pouco”.

espaço/tempo diversa da exigida pela filosofia. Neste momento, a filosofia ocupa um lugar na história da psicanálise, sem tomar conta tão predominantemente de sua prática.

A filosofia em todo seu domínio plural, tanto na variedade das autorias quanto em épocas diferentes, funciona num ritmo assemelhado ao fluxo dum líquido caindo num ralo. A imagem duma espiral cai bem para caracterizar a formulação filosófica. Daí a adequação da imagem do buraco negro, pois também é um meio com esta configuração.

A psicanálise não é tragada pela filosofia quando não assume uma imagem tão circular quanto a do buraco negro. Apesar de tê-la em seu circuito nocional, principalmente quando se refere ao domínio imaginário relativo à constituição do **eu**, não precisa adotar totalmente este aspecto. Aliás, não é através desta imagem que aparecem os elementos constituintes de seus fundamentos. É o que Freud mostra no seu artigo antes citado, através desta afirmação:

“Mas a experiência de um analista está
em outro mundo, com os outros
fenômenos e outras leis.”

O referencial que abrange os fundamentos da psicanálise é o percurso pulsional. Nele são abordados os elementos cruciais para o psicanalítico, permitindo uma aproximação com a filosofia, sem que disso venha o prenúncio duma assimilação totalizadora.

A primeira aproximação de natureza total enfoca o sentido concernente à assertiva sobre os fundamentos da psicanálise estarem na filosofia. Daí se explica o motivo pelo qual alguns agrupamentos de analistas sempre guardarem um tempo para estudar um ou outro dos inúmeros filósofos.⁶ Alguns deles são: Kant, Hegel, Heidegger, além dos muitos existencialistas voltados para a fenomenologia. No entanto, ao tomar a perspectiva pulsional, estes fundamentos poderão ser vistos como integrantes de sua fonte. Uma fonte conforme a qualificação de ser uma borda no corpo indicando a relação entre o somático e o psíquico, na condição deste ser colocado numa posição exterior. Algo tão característico que o representante psíquico é sujeito ao assemelhamento com a produção da respectiva

⁶ Depois de retirar a ênfase da fisiologia na abordagem da angústia, Freud (“Inibição, sintoma e angústia” 1926) irá separar de seu foco o que a filosofia cria para constituir como “visão de mundo”. Afirma: “Tais atividades podem ser deixadas aos filósofos, que confessadamente acham impossível empreender sua viagem pela vida sem um Baedeker dessa espécie para proporcionar-lhes informações sobre todos os assuntos.” Daí,

borda corporal. Neste sentido, surge a importância da listagem iniciada por Freud com o âmbito oral e anal, sendo continuada por Lacan com o olhar e a produção sonora.

Dentre tantos pretendentes, o filósofo mais adequado para ocupar a posição de fonte para Freud é Espinoza, na medida de ter sido dele a referência determinante para as origens de uma primeira implicação com o psicanalítico. Uma origem marcada desde quando Freud ouviu o relato de Carl Brull de um ensaio de Goethe sobre a natureza. Um acontecimento marcante para Freud porque o fez escolher seguir a medicina, como profissão mais ligada ao élan natural do humano, tendo em vista a expressão espinozana a respeito do desejar.

Não é somente o fato de ter escutado tal leitura que fez Freud derivar sua carreira para os estudos sobre a natureza. Basta observar os questionamentos do filósofo sobre o lugar das revelações na constituição do catolicismo, agindo como inspiração para Freud no desempenho da função de investigador científico.⁷ Uma função com a qual teve de executar quando estudava medicina, mas também ativada na prática clínica como analista.

A investigação derivada da inspiração espinozana não é isolada no percurso de Freud. Da mesma forma não há somente a fonte sem o que sai para o exterior. É o impulso no sentido de atingir o objeto correspondente. Assim, a posição espinozana requer uma outra, a de Goethe, a qual refere-se ao cimo do impulso concernente a inscrição no meio das representações. Enfim, sendo Espinoza a fonte para Freud, Goethe será o seu vértice pulsional, onde ocorre o enodamento nos moldes borromeanos constituindo a subjetividade inconsciente.

A posição de Goethe no vértice pulsional, antecedido por Espinoza como fonte, refere-se ao fato de ser aí o contato com o meio das representações. Um meio ordenado pela condição borromeana de um enodamento entre os registros imaginário, simbólico e real.

Após o vértice formado por Goethe, vem o declínio em direção à inscrição num fim pulsional. Uma incrustação determinante na formação subjetiva porque irá delinear os seguintes impulsionamentos, pois o fim é a fonte de onde houve a partida. É o sair para onde se está, de modo que a partida, o trajeto e a chegada valem por si mesmos e não por

quaisquer colocações lamentando dessa posição, pois a filosofia tem muito a dizer a respeito da angústia, pode ser rebatida quando se nota que Freud está voltado para abordar a clínica com o psicanalítico.

⁷ Para Espinoza, o milagre é o insólito da natureza, acrescentando uma tese que assevera a questão: “Se Deus fizesse milagres estaria agindo contra a sua natureza.”. Algo baseado no fator da natureza de Deus ser completa.

atingir um dado objeto. Ao chegar, o impulso traz os entulhos reunidos no trajeto após a partida.

Dessa forma, esse filósofo é uma fonte para Freud, mas tendo o literário de Goethe como estado intermediário visando interceder no lugar da partida, desde quando declina na direção ao fim-fonte pulsional. É pois neste lugar que a autoria freudiana está situada.

É certamente pôr isso que Lacan inicia suas considerações sobre a instância da letra no inconsciente afirmando, sobre um trecho de Freud de “A questão da análise leiga” (1926):

“Como esquecer, de fato, que Freud sustentou com constância a até seu fim a exigência primordial dessa qualificação para a formação dos analistas, e que apontou na **universitas litterarum** de sempre o lugar ideal para sua instituição.”

Um lugar relativo ao formado no cimo pulsional, onde ocorre a ação borromeana na constituição da subjetividade inconsciente. É o sujeito nutrido pelo meio das representações onde “A cor é que tem cor nas asas da borboleta” torna-se um verso expressivo para o analista. A cor, enquanto representante da impressão duma percepção, vai ter valor como um traço inserido na linguagem cursiva. Da mesma forma, o movimento (termo) se move na linguagem quando ocorre o movimento das asas da borboleta.

A cor e o movimento ganham assim uma intimidade com o imaginário duma linguagem (signo) entrecruzando-se com o simbólico da língua (significante), deixando um espaço para o aparecimento do real, no sentido de constituir o enodamento borromeano. Assim, a cor e o movimento da formação dos analistas estão inseridos nesta forma de enodamento, sem esquecer que veio duma fonte-fim filosófica e indo para o que há nela de psicanalítico.